

A velha estrada

Um conto surpreendente
do autor de "Alice em silêncio"

Jefferson Sarmiento

A velha

estrada

Jefferson Sarmiento

**A velha
estrada**

A velha estrada

Copyright © by Jefferson Sarmiento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de
responsabilidade exclusiva do autor

Imagem da capa

road-470798

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, re-
produzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a
prévia autorização do autor

jeffersonsarmiento.escritor@gmail.com

Notas do Autor

A Velha Estrada foi originalmente publicado em 1999, numa coletânea de trabalhos chamada Banco de talentos, editada pela Federação Brasileira das Associações de Bancos. É uma história pós-apocalíptica que bebe diretamente da fonte que inspirou Stephen King a escrever A Dança da Morte.

É um dos meus mais antigos contos e um dos mais queridos, talvez por guardar, ainda, um pouco do escritor buscando a própria voz que eu fui.

De qualquer forma como costuma dizer um amigo de longa data, é uma história honesta e divertida, talvez um pouco pretensiosa – mas quem não o é quando está começando?

Jefferson Sarmiento, junho de 2017.

*Quando o velho Olhos Negros
construiu sua casa na estrada*

O velho Olhos Negros partiu desta há três dias e me pego pensando qual será o happy end para mim. Às vezes acho que o Destino (ou mesmo Deus, se ele existe e se controla os caminhos tortos aqui por baixo) é uma espécie de palhaço cujas brincadeiras são o que de mais sórdido conheci do humor negro: arte em que, aliás, Olhos Negros era o melhor dentre todos. Talvez não melhor que o Destino, claro, mas conheci poucas pessoas em toda a vida e não creio que tenha restado no mundo alguém melhor que meu último companheiro.

Nós o chamávamos assim por causa das olheiras, profundas e negras como duas bacias de piche. Quem inventou foi o Jonas e jamais soubemos como o velho se chamava de verdade. Nunca foi coisa importante por aqui saber o nome certo das pessoas. Algumas eram chamadas apenas como nós as conhecemos e é só. Pelo menos foi assim depois de... bem, vocês sabem, depois que restaram tão poucos que se podia

contar nos dedos de uma mão apenas as famílias com mais de um integrante.

Olhos Negros chegou por aqui quase um ano depois da febre final. Apareceu como quem não quer nada e, como não houvesse qualquer outro lugar habitado que conhecêssemos, ele ficou. Sempre foi assim na vila, depois do fim, acolhemos quem nos procurava, porque sabíamos que eram poucos e que mesmo para nós as coisas não durariam. Quando a morte parece tão certa e sólida, a dois passos de você, sua vontade é juntar-se a qualquer estranho como se fosse seu irmão e esperar com ele que a coisa toda tome um termo menos doloroso.

Antes de falar sobre o velho Olhos Negros, quero falar sobre a febre final. Não sabemos de onde veio, mas muita gente supôs muita coisa sem sentido e muita coisa interessante. A praga não levou mais que um ano e matou o mundo. No começo era um alarmismo desesperado. Gente morrendo em toda a parte, gente quase morta enterrando os seus, exército nas ruas, correria e gritos e mortes e mortes e mortes. Depois, a calmaria. Sobraram alguns de nós e jamais houve uma explicação razoável do porquê de termos sobrevivido.

No fim, havia tanta dor que ninguém sabia ao certo se fora uma benção ou uma maldição.

Como sobramos nós, imagino que outros sobraram pelo mundo a fora e espero com vontade não estar escrevendo isto à toa. Mas não entendam mal, não é um pedido de socorro, é apenas alguma coisa que tenho de fazer. Acho que não me resta tanto para viver e me bateu essa necessidade de escrever, mesmo que ninguém, jamais, ponha os olhos nestas páginas amassadas. Na verdade, é isso que provavelmente acontecerá.

Alguns disseram que era um ataque alienígena: eles estavam matando os homens para ficar com a Terra. Outros que era castigo de Deus e outros que devia ser um vírus feito em laboratório que escapara e dizimara a população antes que se pudesse descobrir uma cura. O próprio Jonas, logo que o conheci, disse que tinha lido um livro de terror onde isso acontecia. Nesse livro, os bons sujeitos que haviam restado se juntavam a uma velha negra numa cidade americana perto das Rochosas. E o que restara dos caras maus fora reunido em Las Vegas, a cidade do jogo, pelo próprio Diabo ou coisa que o valha. E, no fim, tudo acabava bem, com a comunidade de justos recomeçando a colonização do planeta. Bem farwest,

não é: o mocinho contra o bandido, no duelo eterno onde o bem sai vitorioso.

Por aqui não houve nada disso. Nada de anormal, pelo menos até a morte do velho Olhos Negros. E eu nem sei dizer o que foi aquilo, mas sei que ninguém se juntou em cidade nenhuma para lutar contra o bem ou contra o mal. Apenas nos sentamos no meio do caminho e decidimos que tínhamos, no mínimo, que sobreviver.

O meio do caminho... é onde nos sentamos de fato. No meio do caminho de duas grandes cidades, antes movimentadas e cheias de seus problemas e maravilhas. Hoje estão apenas cheias de mortos que já apodreceram e já secaram. Olhos Negros veio de uma delas e nos contou, com suas mãos e seus gestos estabados, o que havia se passado por lá. O pobre diabo andou tudo isso até aqui e nós sempre soubemos que estava realmente agradecido de não ter de morrer sozinho. Sorte que eu não terei.

Nossa comunidade foi formada por quase quarenta pessoas, de muitas partes diferentes, mas eu não sei o número certo e jamais nos preocupamos em contar. Aproveitamos velhas casas no meio do caminho e enterramos seus mortos,

como uma espécie de aluguel pela morada. Plantamos, colhe-
mos, caçamos e fizemos compras em mercados vazios nas ci-
dades vizinhas. Coisas com validade longa, como alguns enla-
tados. Pelo menos até os perecíveis começarem a feder tanto
que não se podia chegar perto dos prédios.

O velho Olhos Negros construiu sua casa sobre o
grande tapete preto: a velha estrada. Alguns de nós sempre
sentimos um certo arrepio por aquilo. Não nos parecia certo,
apesar de sabermos o que sabíamos: nenhum carro jamais tor-
naria a rodar ali. Mas mesmo assim...

Olhos Negros juntou tábuas e pedras e telhas e fez sua
casa sobre a estrada, a mesma por onde chegou. Levou quase
um dia inteiro, mas alguns de nós concordamos que aquele
tinha sido um trabalho muito bom. Era mesmo uma pequena
casa de madeira bem construída. Lembro apenas do rosto de
Jonas quando Olhos Negros terminou. Estava sorrindo, cum-
primentando o novo morador, quando aquele vento estranho
passou por nós. Veio como se um carro veloz tivesse passado
ali. Jonas olhou para a estrada, no sentido de onde normal-
mente vinham os carros, quando eles passavam por ali, e ficou
estudando, com seus olhos tristes, mas agora acrescidos de
um sentimento difuso, difícil de se identificar. Era como se

estivesse esperando que um carro veloz contornasse a curva lá embaixo e passasse sobre nós.

O vento continuou e ainda sopra lá e eu sei, como sempre soube que o fim era uma questão de tempo, que ele havia começado naquele dia em que Olhos Negros construiu sua casa. De lá para cá, às vezes soprou mais forte, às vezes era apenas uma brisa. Mas acompanhou nossa pequena vila daquele dia até hoje. Estava lá quando nossa primeira morte veio brindar-nos com seu sorriso frio. Jonas mesmo foi quem inaugurou nosso cemitério. O pobre rapaz caiu da pequena ponte, logo depois da segunda curva da estrada. Nós o encontramos dois dias depois de ter sumido e o enterramos por lá mesmo. Selamos o pacto silencioso de que lá seria nosso último descanso. Ninguém disse isso de fato, mas soubemos que era assim que queríamos. Assim como ninguém jamais tocou no assunto, mas todos sabíamos que o fim estava próximo e conosco estava encerrada alguma coisa importante da humanidade.

*Quando o vento na estrada
soprou bem mais forte que de costume*

Apenas Jonas falou sobre sermos os últimos da Terra. E, parece que como castigo, ou prêmio pela descoberta, Deus ou o Destino o levou primeiro.

Depois foi a família Dubois - ou o que restou dela: Jane e Joca Dubois, primos que assumiram uma paixão que na verdade não existia, mas que tiveram quem esquentasse o quarto nas noites solitárias dos poucos invernos que tivemos. Eles não se amavam, mas foram felizes juntos e ninguém os recriminou pelo fato de serem parentes. Perto do fim, as pessoas às vezes parecem tão complacentes. Acho que cansadas seria o termo mais correto.

Nós caímos aos poucos e em intervalos longos, sempre ouvindo o vento soprar na estrada, passando pela casa de madeira do velho Olhos Negros como se a estrada ainda fosse povoada de seu movimento normal. Alguém, depois da morte de Jonas, tentou uma explicação meio louca para a coisa: durante tanto tempo houve carros passando por ali que o vento se acostumou com o caminho. Ou era mais ou menos como

quando esfregamos um ímã sobre um pedaço de metal e esse metal fica magnetizado. Tantos carros se esfregaram por aquele lugar que a estrada acabou ficando... bem, com aquele vento, com se fizesse parte dela.

Foi há um mês que aconteceu a primeira vez. Eu e Olhos Negros já éramos os últimos vizinhos da comunidade e o pequeno cemitério embaixo da ponte já tinha tantas cruzes quanto o número de moradores da vila menos dois. Jamais soube o que Olhos Negros fez quando as cidades eram cidades e a vida era a vida, mesmo com seus problemas, suas guerras e desavenças. Nunca perguntei, porque sabia o suficiente dele: sabia trabalhar com madeira e fazer uma cerveja caseira deliciosa.

Naquele dia ele entrou assustado na minha casa, sobre uma colina baixa a cem metros da velha estrada. Olhos grandes e o rosto branco como um fantasma. Perguntei o que tinha havido e ele começou seus gestos alucados. Nunca o tinha visto daquela maneira e a impressão que tive era de ver um prisioneiro tentando escapar: Olhos Negros era mudo e analfabeto, mas jamais teve dificuldade em se comunicar. Naquele dia, porém, eu soube mais do que ninguém o quanto desejou poder falar.

Por fim, ele me agarrou pelo braço e me puxou para a estrada.

Eu não cheguei a ver muita coisa daquela vez, mas você sabe quando o ar está diferente, quando as sensações que o mundo te passa ficam... sinistras. E foi assim. Olhos Negros me levou arrastado até a estrada, até sua casa no meio dela. Paramos e ele continuou com seus gestos alucados. Mas nem precisava, porque eu já não reparava nele. Estava... ouvindo o vento. E foi uma das coisas mais assustadoras que já presenciei, embora o fim trágico do meu amigo tenha até sido perturbador a esse ponto.

Já falei sobre o estranho vento na estrada, não foi? Como se um carro tivesse acabado de passar. Pois isso é ridículo porque não há mais carros! A estrada está tão deserta quanto o mundo todo! Mas o vento soprava... ainda sopra na velha estrada como se eles estivessem passando por lá ainda agora. Naquela noite, porém, o vento parecia ensandecido.

Primeiro era o barulho, o assobio que fazia. Alto e cortante. Meu amigo surdo não podia ouvir aquilo, mas imagino que teria estado ainda mais assustado se o tivesse. A segunda coisa que me impressionava era o que eu podia VER do vento. Era quase tocável. Corria pela estrada e levantava

uma fina camada de poeira a quase cinco metros. Era como estar vendo um trilhão de insetos voando ali, todos apressados na mesma direção. A parede que o vento formava diminuía no acostamento e nem mesmo uma leve brisa soprava na margem da estrada... A coisa mais estranha disso é que o vento passava pela casa de madeira de Olhos Negros como se ela não estivesse lá. Era como se... atravessasse a casa feito um fantasma.

Durou quase dez minutos depois que eu cheguei.

Há duas coisas que me deixam saudoso quando penso no velho Olhos Negros: sua cerveja caseira e seu olhar compenetrado. Era um homem simples e você podia ver em seus silêncios, quase ler em sua testa, a simplicidade e beleza dos pensamentos que rondavam por detrás dos olhos. E, se há uma coisa de que tenho horror em lembrar, essa é a obsessão que surgiu depois daquela noite na estrada.

Olhos Negros passou muitas noites em claro naquela estrada. Sentava-se na margem e ficava observando. Em períodos aleatórios, aquele... fenômeno acontecia outra vez. Sempre à noite. Sempre com alguma coisa a mais, um detalhe que talvez não tivéssemos percebido anteriormente mas... a verdade é que aquilo me parecia uma espécie de bola de neve que

crescia a cada vez que girava. Era como se... bem , não vou fugir da palavra: fantasma! Era como se um fantasma estivesse escapolindo do inferno e estivesse atravessando o limite do mundo lentamente, cada vez um pouco além, sempre mostrando uma nódoa, uma ferida a mais de seu corpo.

Numa das noite, percebemos que luzes paralelas corriam pelo asfalto, de tempos em tempos, como se os faróis de um carro atravessassem a estrada. Em outra noite, começamos a ouvir com o vento um ronco crescente que diminuía a medida que o carro fantasma aproximava-se e afastava-se.

Dezessete noites depois da primeira aparição, vimos aquela carreta.

Era bem grande e imponente. Passou por nós tão rápida que mal pudemos ver seu vulto fantasma, transparente e meio disforme. Passou pelo meio da casa de Olhos Negros e chegou ao outro lado. Por alguns instantes pudemos ver a casa em suas entranhas, de pé, como se nada acontecesse. Uma monstruosa carreta preta, porém translúcida, com uma grande carroceria tipo baú com letras douradas que não conseguimos ler. Olhos Negros me olhou assustado. Depois andou até o acostamento e olhou para a curva lá no fim da descida. A carreta desapareceu no ar e o vento parou de soprar. Ficamos

muito tempo no meio da estrada. Isso até que eu me senti inseguro demais para ficar ali. Voltei correndo para a margem. Olhei para trás e vi Olhos Negros lá no meio, esquecido da vida, compenetrado em entender aquilo que vínhamos presenciando.

*Quando o vento na estrada
veio buscar o velho Olhos negros*

Isso aconteceu de novo e de novo. E de novo. Muitas vezes, até a loucura descer de vez sobre Olhos Negros e ele fazer AQUILO. Tomamos muitas cervejas e ficamos esperando “nossa sessão” de cinema da noite. Nessa época, o “evento” já ocorria periodicamente, noite após noite.

Conversamos um pouco e bebemos muito. Lembro de ter pensado, um minuto antes de Olhos Negros fazer aquilo, que Jonas teria dado uma boa explicação para nosso fenômeno noturno. Não uma explicação lógica, mas uma boa explicação. E, no minuto seguinte, com os faróis e o vulto dos carros cruzando a pista, atravessando o casebre de madeira como se ele não existisse, Olhos Negros saltou bêbado de sua cadeira e correu para a estrada.

Meu estômago deu uma volta impossível e toda a cerveja que bebi quis voltar pelo caminho que percorrera. Caí de joelhos, tentando gritar para Olhos Negros que não fizesse

aquilo. A voz não me saía. Olhei assustado o velho mudo parar no meio da estrada e abrir os braços. Os carros e caminhões passaram por ele como que pela casa, atravessando seu corpo. Por um instante, parecia ele o fantasma e não os vultos na estrada.

Uma coisa, porém, me deixou confuso. Os carros passavam por ele como os fantasmas que eram, atravessando seu corpo sem tocá-lo. O vento, porém... esse fustigava seu rosto e cabelos. Era bem presente, era bem real. Como o fantasma que atravessa a parede do inferno, vindo aos poucos. Embora pudéssemos vê-lo, não era ainda de todo real, apenas o sopro de sua garganta o era.

Nós nunca mais tínhamos visto a carreta preta. Passara apenas uma vez, sua primeira vez. Naquela noite, quando Olhos Negros voltou da estrada e se sentou, os cabelos desarumados pelo vento, nós a vimos. Passou menos de dez segundos depois. O velho estava rindo e pegou no meu braço quando ouvimos seu ronco. Olhamos para a estrada e os olhos divertidos do mudo desapareceram por completo. Um segundo depois ela se fora, deixando seu rastro preto e o risco dourado das letras no baú, as letras que não podíamos ler. Olhos Negros me encarou e apontou para a estrada. Depois

bateu a mão no peito. “A carreta é minha”, foi o que entendi, mas não era isso.

No dia seguinte eu vi as marcas na estrada.

Olhos Negros morreu três noites depois. Assistimos ao “evento” e bebemos muito. Jamais toquei no assunto da carreta e das marcas que vi na estrada, no dia seguinte. Era marcas escuras de pneus largos, feitas no asfalto por um carro pesado. Minha mente entendeu aquilo como um sinal de que não apenas o sopro do fantasma conseguira atravessar as paredes do inferno que habitava, mas também seus passos, seu rastro.

O “evento” daquela noite acabou por volta das onze horas. Foi parando devagar, como todo dia. Ainda ficamos lá um tanto de minutos e apreciamos as estrelas. Despedimo-nos com um aperto de mãos embriagadas e eu tomei meu rumo. Parei na pequena ladeira para a vila e olhei para trás. Olhos Negros entrava em casa com sua displicência cordial e bêbada. Eu ri, embora alguma coisa me incomodasse nalgum ponto do peito.

Continuei meu caminho e comecei a descer a ladeira para minha casa. Nesse ponto as pequenas casas abandonadas dos vizinhos da vila me cercavam como vigias silenciosos. Eu

já não podia ver a estrada e foi quando comecei a ouvir a coisa. Parei. Agucei os ouvidos. Era o vento. Mas era apenas uma brisa ou... ou...

Virei-me e naquele instante eu tive certeza. Pela primeira vez, o evento ocorreria duas vezes seguidas, numa mesma noite. Aliás, ele estava mesmo começando.

Corri alucinado para o topo da ladeira, gritando em vão por Olhos Negros.

Lá estava. A estrada e seu trânsito fantasma. Desta vez foi mesmo rápido. Depois desse tempo todo, acho que o tal fantasma havia conseguido sim atravessar a parede do inferno, seja lá o que queira dizer. Atravessara e estivera todo ali naquela noite, embora tivesse se mantido oculto para não assustar sua presa. Ele queria que estivéssemos tranqüilos, que aquela noite nos parecesse uma qualquer. E, quando achamos que tudo havia terminado, bem... ele deu seu bote final. A estrada deu seu bote final.

Quando cheguei ao topo da ladeira, via apenas o vento e a poeira fustigando o casebre de Olhos Negros. Apenas isso. De onde estava, podia ver a parte da estrada bem à frente da vila e um ponto estreito na curva do começo dela. Uma pequena elevação me impedia de ver boa parte do percurso, mas

percebi quando o vulto escuro cruzou o ponto inicial lá adiante. Olhei para lá e não entendi de imediato o que era. Um segundo depois me veio a idéia fixa de que a grande carreta negra vinha buscar meu último amigo. Cruzara o ponto inicial da estrada com os faróis apagados, porque sabia que eu estava observando. E agora descia a toda velocidade contra o casebre de Olhos Negros.

Foi mesmo rápido. Olhos Negros, como que pressentindo ou sentindo o chacoalhar da casa, resistindo ao vento, apareceu na porta. Vi seus olhos se estreitarem contra a poeira e o sopro infernal da estrada. Corri loucamente, tropeçando de bêbado, ladeira abaixo. Levantei a cabeça a tempo de ver quando a carreta negra, ainda escondida pela elevação, acendeu seus faróis potentes e assassinos, lançando-os à frente do meu campo de visão. Olhos Negros cobriu a vista com o braço e então ela surgiu, enorme e fatal. Negra. O diabo do fantasma que fugiu do inferno.

Eu gritei, mas era tarde. No fim, sempre fora tarde demais. A carreta negra avançou por sobre o casebre de Olhos Negros e estraçalhou tudo no caminho, deixando apenas restos de madeira no chão. Passou como um grande projétil, dis-

parado por um canhão gigante. Carregou Olhos Negros consigo, porque jamais encontrei seu corpo. Pude ler naquela noite, no entanto, as letras douradas no baú negro: Olhos Negros. Estava escrito lá. E num vislumbre de lucidez embriagada, entendi o gesto do velho mudo naquela outra noite. Ele não quisera dizer que a “carreta era dele”, mas o exato inverso disso: eu pertença a ela! E ela estava ali para levá-lo.

E levou-o naquela noite, naquele segundo “evento”, que terminou tão logo a carreta passou.

Faz três dias isso. Fiz uma pequena cova no cemitério sob a ponte e enterrei ali algumas roupas do meu último amigo. Preguei dois paus e fiz uma cruz com seu nome. Não há mais cerveja e coloquei nossas canecas como uma espécie de tributo a ele, pregadas no topo da cruz.

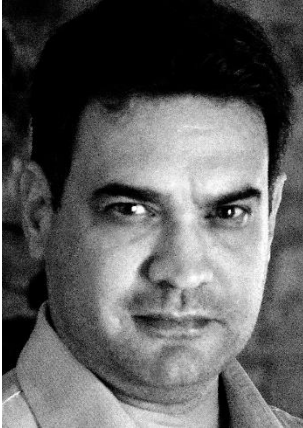
Não houve mais “eventos” depois daquela noite e acho sinceramente que não haverá outro. A estrada já teve o eu queria e acho que meu destino está mesmo traçado: morrerei solitário, como o último que sai e tem de apagar as luzes.

Às vezes penso que os carros que vimos nas noites de embriaguez eram carros que realmente estiveram ali um dia. E que dentro deles poderiam estar os fantasmas de homens e mulheres e crianças e famílias inteiras... Mas o que haveria

dentro da cabina daquela carreta? Talvez Olhos Negros já tivesse visto aquele carro antes, quando o mundo era mundo e a vida era vida. De qualquer forma, jamais vou saber.

Vou me encostar aqui na cadeira e ficar olhando a estrada. Talvez Deus ou algum anjo tenha piedade e venha abrir a porta para mim. Isso deve acontecer a qualquer tempo, mas não vou ligar se for agorinha mesmo. Pelo contrário. Não é mesmo uma boa função esta de ser a última luminária do mundo.

Seja lá como for, quem sabe o vento volte a soprar ali na estrada e uma carreta com meu nome em letras douradas me venha dar uma carona.



Jefferson Sarmiento é autor dos livros *Velhos segredos de morte e pecados sem perdão* e *Os ratos do quarto ao lado*, um apaixonado pela literatura e o cinema *noir* de onde saíram Erik, Pattie e para onde certamente retornaremos um dia para saber o que houve com Jack Seis Dedos e quem realmente estava por trás de tudo.

Acesse: www.facebook.com/jefferson.sarmiento.escriptor

www.jeffersonsarmiento.com.br